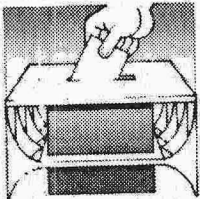


Lula impõe limites para alianças

Candidato não aceita apoio de "qualquer um" mas regionais do PT agem por conta própria



No primeiro pronunciamento como candidato credenciado para disputar o segundo turno da eleição presidencial com Fernando Collor de Mello (PRN), o petista Luiz Inácio Lula da Silva assegurou que haverá um limite para a formação de alianças em torno da Frente Brasil Popular, que o apóia. "Não podemos permitir que nossa campanha acabe inchando", alertou. O problema no PT é definir esse limite: no Espírito Santo, o partido convidou o governador Max Mauro para conversar, mas a cúpula petista de Santa Catarina recusou o apoio do governador Pedro Ivo.

Independentemente da decisão da Executiva Nacional do PT, os diretórios regionais já começaram os entendimentos para a disputa final, rechaçando algumas adesões e aceitando outras, à revelia da cúpula. "É a primeira vez que vejo um partido rejeitar votos", queixou-se Pedro Ivo, que na última quinta-feira não só manifestara seu apoio a Lula como se colocara à disposição para subir no palanque ao lado do candidato.

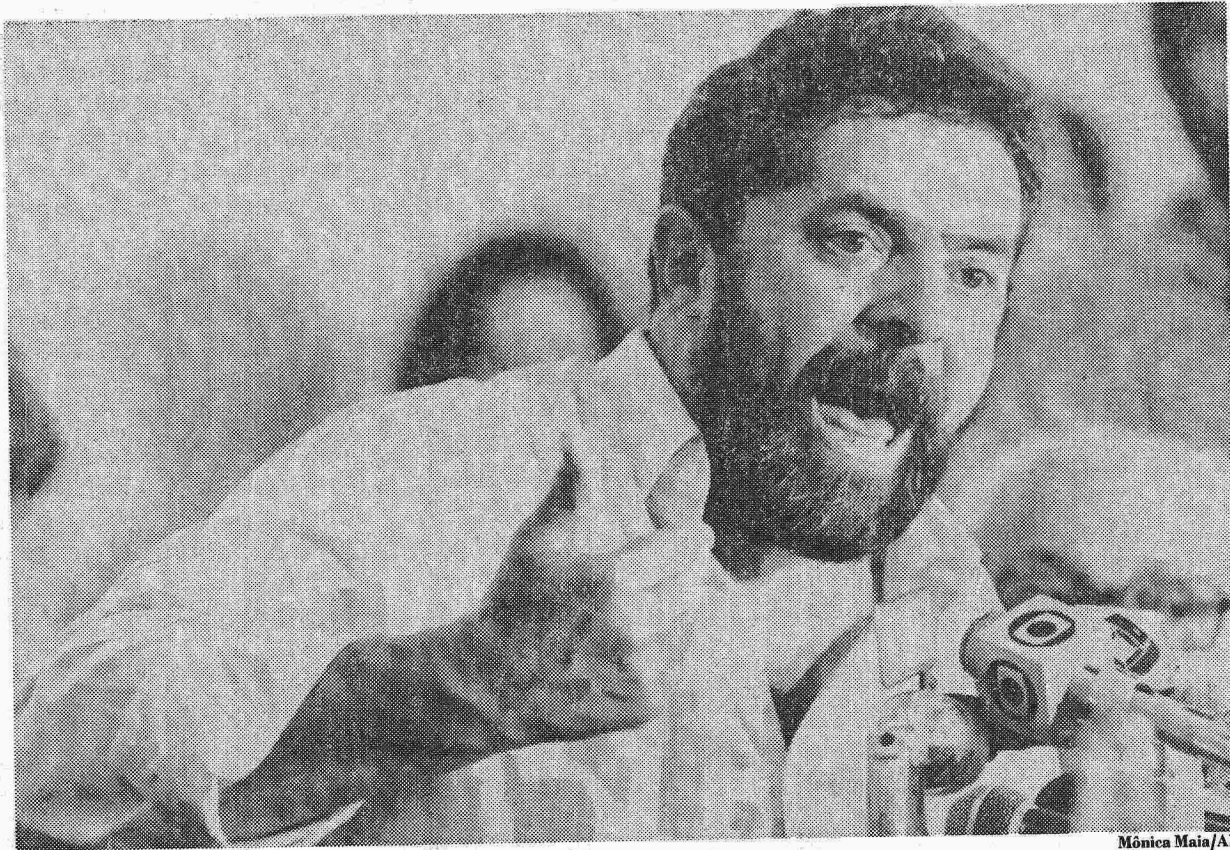
Se depender do PT baiano, o PSDB, o PCB e líderes do Novo PMDB, entre eles o ex-governador Waldir Pires, têm lugar assegurado na campanha de Lula. Ao mesmo tempo, por decisão

do partido local, ficam dispensados dessa tarefa o governador Nilo Coelho, os senadores Luiz Viana Filho, Jutahy Magalhães e Ruy Bacelar, além do prefeito de Salvador, Mário Kértész. Na capital baiana, o vencedor, com 40% dos votos, foi justamente Lula, que acabou em segundo lugar no Estado. "Só vou a uma festa se for convidado", reagiu Nilo Coelho, após uma reunião com 31 deputados estaduais.

Decisões isoladas também vêm ocorrendo nos diretórios regionais dos partidos que estão na mira do PT. O PSDB baiano, por exemplo, não esperou qualquer orientação da sua direção. Segundo o deputado federal Jorge Hage, "os tucanos da Bahia já fecharam com Lula", o que colide com a posição de alguns líderes do PSDB, que defendem a neutralidade em relação ao segundo turno.

Em Minas, os petistas tomaram a dianteira e marcaram um encontro com o prefeito de Belo Horizonte, o tucano Pimenta da Veiga, responsável pelo segundo lugar de Mário Covas na cidade. Também sem conhecer a decisão da executiva do PT, a coordenação da campanha de Lula em Rondônia já distribuiu nota na qual repudia com veemência o apoio do governador Jerônimo Santana.

"Prefiro a estreiteza da frente que sustentará minha candidatura do que a largura das alianças formadas por Collor", ponderou Lula, antevendo as dificuldades que terá de enfrentar nos próximos dias dentro e fora dos partidos que integram a Frente Brasil Popular — PT, PSB e PC do B. O PSB já deixou clara sua posição: qualquer compromisso será firmado



Lula na entrevista: "Prefiro a estreiteza da frente do que a largura das alianças de Collor"

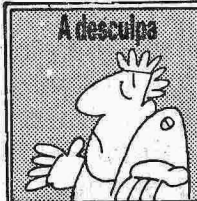
com base no programa de governo elaborado pela frente, de forma a não descaracterizar o perfil esquerdista da candidatura de Lula. Nesse caso, o apoio do deputado Ulysses Guimarães seria indesejável, por representar uma aliança indireta com o presidente José Sarney.

Na tarde de ontem, durante quase uma hora, Lula respondeu, no plenário da Câmara Municipal de São Paulo, a dezenas de perguntas dos jornalistas. Deixou claro que o arco de

alianças que pretende formar passa por Mário Covas, Leonel Brizola, Roberto Freire e os progressistas do PMDB, sem definir quais deles. Ao comentar o tipo de apoio que Collor obterá para o segundo turno, o candidato do PT foi irônico: "Quanto mais eles se juntarem, maior será o tombo".

Com mais tempo na televisão, suficiente para apresentar explicações quase didáticas sobre seu programa para a refor-

ma agrária, política externa e redistribuição de renda, Lula espera reduzir o grau de rejeição que afeta sua candidatura. Ao lhe perguntarem sobre o que pretende negociar para juntar mais aliados para o turno final, o candidato petista deu respostas vagas. "O programa de governo é abrangente", esquivou-se. "Nosso vice é inegociável e, além do mais, a grandeza das pessoas com as quais vamos tratar não permitirá alianças em cima de cargos."



A desculpa
O ministro da Justiça, Saulo Ramos, afirmou que o candidato Luiz Inácio Lula da Silva, se eleito, criará um problema sério para as crianças: elas vão desistir dos estudos ao saber que Lula não estudou e mesmo assim chegou à Presidência da República. Apesar da crítica a Lula, Saulo não pendeu para o outro lado, o de Fernando Collor de Mello, mas fez um apelo à população para manter a tranquilidade no segundo turno. "O povo deve defender seus candidatos, mas sem radicalizar", sentenciou o ministro.

A relação do candidato com os militares mereceu destaque durante a entrevista. Lula fez questão de rebater declarações do ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, segundo as quais há quem queira mudar as cores da bandeira nacional. "Se há alguém patriota, que respeita o verde e o amarelo de nossa bandeira, é a classe trabalhadora", afirmou.

Depois de mais de 48 horas de "clausura voluntária", Lula deixou ontem de manhã o sítio do amigo Roberto Teixeira, em Monte Alegre do Sul, no Norte do Estado, com ar bastante descansado. Garantiu que, em princípio, o PT não pretende tomar a iniciativa de um encontro com Leonel Brizola. "Não queremos atrapalhar a discussão interna do PDT", alegou Lula. Mesmo assim, repetiu estar disposto a conversar com o adversário, do PDT. A cúpula do partido quer que esse diálogo ocorra ainda esta semana.